

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

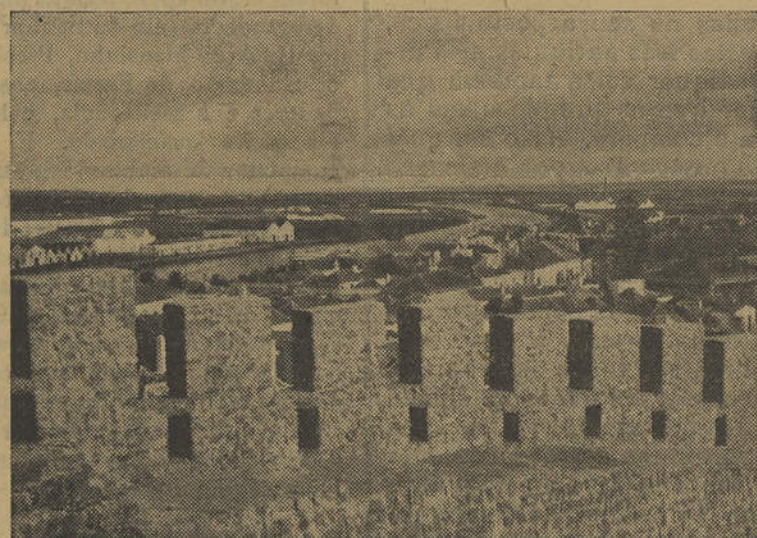
ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 5500
—Para outras localidades. 9500

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA



Rio Gilão: Onde se realizam hoje as interessantes regatas.

Regatas de Vela em Tavira

CONFORME já anunciámos, realizam-se hoje, 25 de Setembro, regatas de vela na bacia das Quatro Aguas, promovidas pela Secção de Vela do Ginásio Clube de Tavira, cujo programa é o seguinte:

«Snipes»: largada ás 15,45 horas;

«Sharpies»: largada ás 16 horas.

Distribuição de prémios: ás 19 horas.

As tripulações que concorrem nas diferentes classes de barcos, em regata, são:

Ginásio Clube Naval de Faro — «Snipe» n.º 6440 — Jorge An-

drade Leiria e Joaquim António da Silva;

«Snipe» n.º 5682 — Fernando Prazeres e Luís Varela;

«Sharpie» 12 m2 P 23 — João Varela e Ludgero Correia.

Delegação de Vila Real de Santo António do Clube Náutico de Portugal — «Sharpie» 12 m2, sem número — Dr. José Cumbreira e N. N..

Mocidade Portuguesa de Tavira — «Snipe» n.º 5832 — Germénio do Nascimento Venâncio e Fernando Vitorino Diniz Ferro.

Ginásio Clube de Tavira — «Snipe» n.º 5681 — Dr. Martiniano Pereira Santos e Vitor Peres;

«Snipe» n.º 6442 — Jorge Rosado e Jaime Gonçalves;

«Sharpie» 12 m2 P 10 — Ofir Gomes Panito e Abílio da Encarnação.

Por gentil cedência do Ex.º Sr. Comandante Brito, foi o salva-vidas posto á disposição do G. C. T. para transportar o Juri de Honra para as Quatro Aguas, a bordo do qual assistirá também ao decorrer das provas. O referido barco partirá do cais junto da Praça Municipal ás 15,30 horas.

Ainda o Elixir DA VIDA

A. R. C.

SÓ AGORA me é possível agradecer-vos as palavras amáveis que tivestes a gentileza de me dirigir por intermédio das colunas deste jornal, a propósito do meu «risonho artigo» *O Elixir da Vida*, há tempos publicado.

Motivos vários me impediram de cumprir este dever simpático e grato, e tanto mais simpático e grato entre confrades que se não conhecem. Uns trabalhos urgentes para revistas em que colaborei, o calor *desalmado*, como diz um vizinho meu, e a consequente *mândria*, tudo isso junto, o que já não é pouco, deu esta demora nos meus deveres.

Mas mais vale tarde do que nunca.

Cá estou, pois, novamente com o mesmo assunto: O Elixir da Vida e a Alquimia, nestes meus trabalhos «em que a arte domina e a ciência impera», como dizia o Ravachol, nos seus retumbantes discursos de propaganda dos teatros-barracas das antigas feiras populares de Lisboa de há 40 anos.

Pois, como ia dizendo, a respeito deste magno assunto:

No primeiro artigo, transcrevi a fórmula do alquimista Althotas, acerca da *juventude eterna*, a longa vida. Agora, vou tirar da paz e sossego em que têm vivido, as obras do Dr. Emille Laurent e Paul Nagour, dois dos ocultistas célebres que possuo, e vou neles forragear um pouco acerca do caso em questão.

Não se persuada o meu Caro R. C. que eu seja nigromante; não. Sou apenas um curioso por tudo quanto seja fora do comum, nas letras, ciências e artes. E tenho-me dado bem com isto, pois, pelo menos, sae-se da vulgaridade enfadonha da vida, neste mundo tão chato e charro, em que a monotonia da vida é apnas quebrada por guerras — a bestialidade humana!...

Damião de Vasconcellos

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

EFEMÉRIDES PORTUGUESAS

A 18 de Setembro de 1850 nasceu uma das maiores vocações poéticas das letras portuguesas: Guerra Junqueiro.

Poucos poetas disfrutarão, na nossa língua, de maior popularidade que o autor da *Morte de D. João* e dos *Simples*.

Muito embora grande parte da sua obra lírica seja perturbada por certos exageros de combatividade ideológica duma política de circunstância, o verbo junqueireano reveste, a cada passo, maravilhosos efeitos do mais puro lirismo.

Em todos os seus livros se descobrem, a cada passo, as mais belas imagens, os mais harmoniosos ritmos, de incomparável ressonância musical.

A poesia de Junqueiro oferece-nos dentro da evolução mental do artista, as mais diversas cambiantes.

Se a *Pátria* é a vibração heroica da sua grande alma de poeta e de português, os *Simples* são a mais fulgurante centelha do seu génio lírico, ainda depois revelada nos poemas *Oração ao Pão* e *Oração à Luz*, composições estas que, no parecer de um grande crítico, inauguraram uma estética inteiramente nova na poesia portuguesa, uma espécie de misticismo panteísta, mas interpretado de um modo muito especial.

O seu último trabalho, publicado postumamente, *O Caminho do Céu*, manifesta, exuberantemente, uma viva e ardente intimidade do poeta com os mais puros anelos espirituais e religiosos.

Feira de Olhão

Realiza-se nos próximos dias 29 e 30 do corrente a tradicional Feira de Olhão, que costuma levar aquela importante vila algarvia centenas de pessoas.

Em Loulé FEIRA FRANCA e II CONCURSO PECUÁRIO

NOS próximos dias 26, 27 e 28 de Outubro, Loulé realiza a sua tradicional Feira Franca, que de ano para ano se vem afirmando pela grande afluência de gados e outros produtos agrícolas.

A Câmara Municipal, desejando valorizar este certame, para corresponder aos melhores interesses dos lavradores da região, não se poupa a esforços no sentido de obter as maiores comodidades para os forasteiros que acorram à sua feira de Outubro.

Entre as atracções da feira, o II Concurso Pecuário de Loulé promete revestir-se de grande brilhantismo pelo alto valor dos exemplares, cuja concorrência está já assegurada.

O concurso deste ano é extensivo, apenas, a animais da espécie bovina — raças Holandesa, Turina e Algarvia — e aos melhores exemplares serão conferidos valiosos prémios em dinheiro.

A inscrição é grátis e pode ser feita directamente na Câmara Municipal de Loulé, nos Grémios da Lavoura dos concelhos respectivos ou junto dos Ex.ºs Veterinários

Municipais dos vários concelhos do Algarve.

Para os animais a expôr, pertencentes a outros concelhos, que necessitem de alojamento, a Câmara garante estabulação e alimento durante o tempo que tenham de permanecer em Loulé.

Por todo o exposto, ao II Concurso Pecuário de Loulé está assegurado um assinalado êxito; e, assim, a progressiva Vila contribue, com esta iniciativa, para a valorização do arménio pecuário do seu concelho e da nossa província.



Vista Geral de Loulé

A VERDADE

MAL EXTINTO o eco vitorioso da Conferência do Instituto Internacional de Ciências Administrativas, já Lisboa dá fidalga hospitalidade aos representantes estrangeiros ao Congresso Internacional de Navegação, a cuja sessão inaugural presidiu o Chefe do Estado.

Quero dizer na minha que Portugal cada vez é mais escolhido como colaborador duma obra elevada, séria e respeitável em prol da Humanidade e da Civilização. E porque corre fama a que adentro de nossas fronteiras se respira atmosfera clara de paz, todos se sentem bem trabalhando em nossa casa.

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

PONTOS DE VISTA

“Bota de elástico”

OS SIMBOLOS são lembranças que se eternizam. Revelam a imagem do que mais nos surpreende.

ACCURCIO CARDOSO

O «Bota de elástico», termo vulgar na boca da gente nova, é o símbolo do tempo que passa, dos retrógrados, da velhice. O progresso mata-o.

A bota de elástico ou sem elástico, bota para todos os efeitos, desapareceu do mercado, que é como quem diz dos estabelecimentos da especialidade. Hoje, não há botas, há sapatos, uns de salto alto, para o sexo frágil, outros de salto raso, para o sexo forte, e até os há de salto á prateleira, para ambos os sexos. Como símbolo do tempo da bota, existe apenas o respectivo termo, equivalente ao que não presta para nada, ao que se deita fora por inútil.

Todavia, não desagrada, de quando em quando, olhamos para trás, para as tais botas de elástico. E, francamente, chega-se a ter pena delas. Coitadas, tão amigas do dono, sempre receosas que os pés lhe esfriassem!...

Bom tempo esse, em que as botas davam sempre sinal de si. Hoje, anda-se no silêncio, graças á acção da borracha que se emprega para que se não sintam os passos...

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Festas no Parque Municipal

SE O TEMPO permitir realizar-se-á hoje, pelas 21,30 horas, no Parque Municipal, uma interessante festa promovida pela Banda de Tavira, com o patrocínio da Câmara Municipal.

Além do dancing abrilhantado pela excelente orquestra «Impérium Jazz Farense» estreia do afamado ilusionista Dr. Kalwó, que tanto sucesso obteve no dia da sua Estreia em Faro.

Novas experiências e Trucs de Alta Magia, Fenómenos científicos

que podem ser controlados pelos Ex.ºs Médicos, Grandes Evasões. Surpreendentes Surpresas de Grande Sensação e Mistério.

Aplausos delirantes á Grande Atracção Espanhola **HERMANAS LOPEZ**, Autenticas Estrelas do Baile Andaluz.

Repetições Insistentes. Arte! Beleza! Alegria!

Exito da Escultural **PALMIRA** nos Tangos e Canções mais em voga na Península.

Carta ao Leitor

É TU um dos três meus amigos que têm a paciência de ler nas colunas deste semanário os meus desprezíveis artigos. E, por isso, leste, eu sei, que eu me havia reformado e, á laia de viagem de núpcias — sim, tu e eu já passámos esse período ilusório da nossa cidade!... — partiria para o estrangeiro gosar do prémio de consolação de quase quarenta anos de árduo labor profissional. Pois é verdade: a gentileza do director deste periódico deu-te a conhecer dos segredos da minha vida; e, não podendo eu fugir a essa imerecida publicidade — o que vale é que foste só tu a tomar conhecimento desse pormenor — eu peço-te que guardes para ti as rápidas impressões desta minha viagem de núpcias, de reformado, ao estrangeiro.

O gasolina que, de Vila Real de Santo António, me transportou a Ayamonte não está em relação á época de civilização e progresso em que vivemos. É caro o preço que nos cobram; comodidades e apresentação não existem.

O que vale é que transporta uma promiscuidade de gente com mercadorias negociáveis a bom preço, em Espanha. O pessoal da nossa Alfandega foi gentil, é certo; mas, á chamada para o embarque no desconfortante gasolina, não teve em atenção a selecção do pessoal, misturando o turismo com o candonguismo. Não está certo. Por isso, eu, que fui dos primeiros passageiros a apresentar o meu passaporte de turista, fui dos últimos a ser chamado para entrar no barquito; e, por um pouco não fico em terra, ou baldeado para um outro gasolina sem quaisquer condições de abrigo.

Ayamonte. As formalidades aduaneiras são gentis para os turistas. A candonguice é posta a distância e atendida como merece.

A cidade apresta-se para as grandes festas anuais das Angústias. Láva a cara e veste indumentária nova. É maçador a travessia do porto de desembarque até á distante estação de caminho de ferro. Quero-nos parecer que, talvez, com um pouco de vontade, a linha férrea pudesse descer tanto quanto possível á Alfandega. Que comodidade isso não representaria para o público internacional e, quero crer, mesmo para o nacional!

De Ayamonte a Huelva, o comboio é fraco de material; mas, depois de outro incómodo, a travessia de Huelva, de uma para outra estação, entra-se em bom material ferroviário. A velocidade é que é bastante reduzida. As estações — Huelva a Sevilha — são todas de tijolo branco e de estilo «praças de touros».

Nota-se, nesta árida Andaluzia, a tendência do espanhol para as lides tourinas.

Sevilha. Entra-se pelas pontes do largo rio Guadalquivir. Á direita, o famoso Bairro Triana. O aspecto urbano da cidade é banal — ruas estreitas e tortuosas — mas Sevilha tem atractivos que são, em síntese, uma maravilha. Dal, o clássico rifão: «Quem não vê Sevilha não vê maravilha».

O típico Bairro de Santa Cruz — a antiga Sevilha dos mouros, que ali viveram há setecentos anos; a famosa Catedral, com a

distinta capela de S. Fernando, conquistador de Sevilha, ali repousando no seu túmulo de prata artisticamente feito, túmulo que pesa quinhentos quilos; Cristóvão Colombo, que uns lhe chamam português e outros espanhol; a capela central, com a paixão de Cristo, em ouro, contendo quarenta e cinco nichos com cento e sessenta e nove figuras; a célebre Torre da Giralda e, sobretudo, o palácio de Alcázar, são tudo maravilhas que prendem o turista, desejoso de conhecer, ver e apreciar o que de grande e bom Sevilha tem.

E, porque mais não te posso descrever nesta sucinta carta, caro leitor amigo, dir-te-ei, para terminar: lindos parques, belos jardins, bons e típicos edifícios no centro da cidade, tudo constitui excelentes atractivos para um repouso espiritual de quem já está em idade de apreciar as coisas com olhos de ver bem e melhor.

A manhã, parto para Cádiz. Quero apreciar o génio que immortalizou o autor da zarzuela com este nome, número musical que me seduz desde os meus primeiros passos da minha vida de amor de música. Voltarei a Sevilha para, no próximo domingo, ouvir a Banda Municipal; e, na próxima segunda-feira, partirei para Madrid e Barcelona.

Se a disposição me permitir, talvez, talvez te escreva outra carta, para te dar a conhecer mais alguns rápidos detalhes desta minha «lua de mel» de reformado.

Abraça-te este teu amigo certo e ao teu dispor.

Sevilha, 8 de Setembro de 1949

Pedro de Freitas

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 6 de Olhão

Festa escotista que, na noite de 25 do corrente (Domingo), pelas 21,30 horas, se realiza no campo de jogos do Clube Desportivo «Os Olhanenses».

PROGRAMA

Cerimónia Escotista — Apresentação do Grupo em parada, Breves palavras e Compromisso de Honra.

Educação Física — Apresentação de duas classes de ginástica e Ligeiras acrobacias.

Téonloa — Simulacro de prontos socorros, Sinalização por apitos, Sinalização por bandeiras, Sinalização por luzes e Homógrafo em classe.

Jogos — Alguns jogos educativos.

Desporto — Encontro de basquetebol entre uma equipa de escoteiros seniores e outra de campistas.

ESCOLA DE CORTE

Costura e Chapéus

Mme. Justo

R. de S. Lazaro, n.º 127-1.º andar-Lisboa
A melhor e mais frequentada de todo o País.

A Directora tem o prazer de comunicar o exame de corte e alta costura com distinção, da sua estimada aluna Mlle. Maria Natália da Encarnação Rodrigues, Largo de S. Francisco-Faro a qual pelo bom aproveitamento durante a frequência e ainda pelos trabalhos em alta costura que apresentou no final do curso, a Directora Mme. Justo pode sem reservas tomar toda a responsabilidade pelos seus futuros trabalhos.

OS CARLOS

Em nosso poder o Boletim n.º 62 do Grupo «Os Carlos» e referente ao mês de Setembro que insere interessantes artigos sobre as suas actividades e a notícia de que os Carlos têm em estudo uma excursão ao Algarve, nos dias 19, 20 e 21 de Fevereiro do próximo ano, na ocasião em que as nossas amendoeiras estão em flor.

Com este passeio, os Carlos do centro do País pretendem realizar ao mesmo tempo uma visita de confraternização e de boa amizade aos Carlos do Sul.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Cartas de Portugal (6)

TRÊS CIDADES MINHOTAS

DE ANTERO NOBRE

Guimarães, 27 - Julho - 949

ACABO DE VISITAR novamente, uma após outra, três cidades do Minho, todas já muito do meu conhecimento e admiração, mas onde, de cada vez que entre os seus muros me encontro, descubro sempre qualquer coisa de novo, a prender a minha atenção e a encantar o meu espírito: Viana do Castelo, Braga e esta vetusta e mui nobre Guimarães, berço da nacionalidade portuguesa.

São bastante diferentes, não apenas no seu aspecto físico, mas ainda no seu «clima» espiritual, estas três antiquíssimas urbes minhotas. No entanto, existe qualquer coisa também que as une e aproxima, um laço qualquer que as prende umas às outras no espírito de quem as admira e compara. Não sei qual é esse laço, mas sinto que existe; não o encontro, por mais que olhe e medite no que os meus olhos vêem e os deslumbra ou não, mas tenho a consciência da sua realidade. Todas são belas, de facto, embora Guimarães leve a palma a Viana (... e desculpem-me ir, assim, tão irreverentemente, contra a ideia-feita já consagrada de que Viana é a mais linda cidade portuguesa...) e Viana, por sua vez, seduz e encanta muito mais do que Braga; nas três os arredores são igualmente, sob todos os aspectos, dos mais atraentes que é possível encontrar em qualquer cidade portuguesa; em nenhuma delas as gentes deixam de ser, nas suas características gerais, essencialmente minhotas e profundamente portuguesas; e até, sob o ponto de vista espiritual, enquanto Braga ora no Bom Jesus e no Sameiro, Viana ajoelha em Santa Luzia e Guimarães reza na Penha. Mas não é nenhuma destas «coisas», comuns a todas elas, «aquilo» que as aproxima, as une ou as iguala na sua diversidade.

O que as distingue, as separa e as torna diferentes, — «isso» é talvez, ou mesmo sem dúvida, mais fácil de encontrar. E, pelo menos para a minha sensibilidade, a distinção está, fundamentalmente, naquilo que em Viana nos dá a sugestão de uma écloga, em Guimarães a de uma gesta, em Braga a de um poema místico. Mesmo em frente da velha e linda «domus municipalis» vianense — poema heroico, lavrado no granito minhoto pelo cinzel maravilhoso dos artistas românicos — não conseguimos esquecer o «doce Lima», as suas margens encantadoras povoadas de zagalas formosas e os cantares maviosos dos seus poetas bucólicos; em Guimarães, a presença do velho castelo de Mumadona (hoje magistralmente restaurado e realçado em toda a sua beleza medieval por um arranjo urbanístico a carácter) está por toda a parte, dominando a cidade por completo, e com ela a evocação dos cavaleiros henriquinos e afonsinos, de cujas armas o estrépito parece ainda ouvir-se como um éco; e a despeito dos muros ameitados da velha Sé aqui episcopal lembrarem os monges guerreiros de D. João Peculiar, bispo e senhor de Braga, das igrejas da chamada «Roma portuguesa» — uma em cada rua e às vezes duas e três — sugerirem talvez uma religiosidade mais activa do que contemplativa, e ser o estilo jesuítico — permitam-me chamar-lhe assim, apenas por uma vez, para

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)

NOTÍCIAS PESSOAIS

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Srs. António Augusto Tavares de Sousa, Gilberto d'Oliveira Gonçalves e António Carlos Marques Trindade.

Em 26 — D. Ana Xavier de Brito Teixeira Tello.

Em 27 — D. Graciete Vaz Figueiredo Pereira, D. Maria Manuela Ribeiro Padilha, menina Mercedes Afonso Mendonça Arrais e D. Vicência Augusta Madeira Viegas.

Em 28 — D. Maria Carlota Pires Soares Viegas Coelho, D. Judite da Rocha Prado, D. Maria Amélia Passos Correia e sr. Venceslau Cruz.

Em 29 — D. Ermelinda da Encarnação Ramos Ferro e menina Laura Arcaño d'Abreu.

Em 30 — D. Brites das Dores Chagas e sr. José Julio Galhardo Palmeira e Amândio Jerónimo Sena Neto.

Em 1 de Outubro — D. Lidia Marques Pereira e D. Estela Julia Pires Faleiro.

Partidas e Chegadas

No gozo de férias, encontra-se na sua propriedade do Val-Carangejo, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Capitão Jaques Rafael Sardinha da Cunha, antigo Administrador do nosso concelho, residente em Lisboa.

— Regressou das Caldas de Monte Real, onde esteve em tratamento, a esposa do nosso assinante sr. João Gago da Graça, conceituado comerciante da nossa praça.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e colaborador sr. Engenheiro Agrónomo Acácio Pinto.

— Com sua esposa, sr.ª D. Zilda Carrajola Silva Pereira da Fonseca, encontra-se nesta cidade, de visita a seus sogros, o sr. Dr. Ivaldo Pereira da Fonseca, médico da C. U. F., residente em Lisboa.

— Vimos nesta cidade o nosso prezado conceterrâneo e assinante sr. Roque Luis Féria Ponce, chefe da Secretaria Judicial de Olhão.

— Encontra-se nesta cidade com sua família o sr. Engenheiro Herculano Rodrigues de Carvalho, ilustre professor do Instituto Superior Técnico.

— Vimos nesta cidade o sr. Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo, distinto advogado, residente em Lisboa.

— Esteve na nossa Redacção, a apresentar cumprimentos de despedida, o nosso prezado amigo sr. José Reis, Che-

fe da Secretaria Judicial da Figueira da Foz.

— Com sua esposa, esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e conceterrâneo sr. Capitão Vasco Martins, residente em Lisboa.

— A fim de frequentar o curso de vela da Mocidade Portuguesa, seguiu para Lisboa o nosso prezado colaborador sr. Alexandre Buíça.

Casamento

Realizou-se no dia 4 do corrente, no Funchal, na igreja de S. Pedro, o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição de Azevedo Pereira, filha do sr. Manuel Joaquim Pereira, 2.º Sargento em comissão de serviço na Índia Portuguesa, e da sr.ª D. Chetana Augusta de Azevedo Pereira, professora diplomada do Ensino Particular, com o sr. Abílio Clímaco Nunes Pereira, empregado comercial, filho do sr. Francisco Nunes Pereira, já falecido, e da sr.ª D. Georgina Alcina Barros e Sousa Nunes Pereira.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seu primo sr. Dr. Martiniano Pereira dos Santos e irmã do noivo sr.ª D. Maria Isabel Nunes Pereira; e, por parte do noivo, seu irmão sr. Manuel Nunes Pereira, abastado proprietário nesta cidade, e sua esposa sr.ª D. Maria Natalia Rodrigues Nunes Pereira.

Os noivos foram passar a lua de mel para o Ribeiro Frio.

Doente

Tem estado doente há já algum tempo a esposa do nosso assinante sr. João Pedro Leiria, comerciante da nossa praça.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

CARLOS PICOITO
ADVOGADO
Avenida da Republica, 120 - 122
TELEFONE 128
FARO
Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

Júlio Sancho
Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia
Rua de Santo António, 32 - 1.º
TELEFONE: Consultório e Residência 368
FARO

Grémio da Lavoura de Tavira

Amendoeiras: Informamos os nossos associados que tenham interesse na plantação de amendoeiras, que a Repartição dos Serviços Arborícolas e Hortícolas vai, na próxima época de plantação, distribuir gratuitamente aos proprietários desta região, mais 1742 amendoeiras.

Os interessados devem efectuar a sua inscrição neste Grémio até ao dia 3 de Outubro próximo, data em que terminará o respectivo prazo.

Tavira, 22 de Setembro de 1949.

A Direcção

Considerações sobre a Festa do Hospital

FALANDO sobre a festa que se realizou no Parque Municipal de Tavira, no dia 3 do corrente, em benefício do Hospital da Misericórdia, festa que decorreu num ambiente de completo agrado e satisfação.

Edite Cruz e Mário Sampaio, simpático par de patinadores, que gratuitamente prestou a sua colaboração nesta festa, souberam captar a simpatia do público que os ovacionava delirantemente durante as suas exhibições. Também foram muito apreciadas as palavras de agradecimento do Senhor Doutor Eduardo Mansinho, Presidente da Comissão de Festas, aos patinadores e á assistência, pelo que foi muito ovacionado. E, para completar o ambiente simpático dessa noite, o Senhor Liberto Conceição entregou ao Senhor Provedor da Misericórdia a importância de Esc. 700\$00, com que os milicianos da 4.ª Companhia do C. I. I. se subscreveram para pagar um bolo leiloado na festa anterior, e a entrega também da importância de Esc. 1.282\$50 pelo Senhor Laurentino Baptista, que ao microfone leu a seguinte mensagem:

«Senhor Provedor

Uma Comissão de Senhoras de Cachopo, da qual fazem parte a sr.ª D. Maria José da Palma Brito Lopes e suas filhas D. Maria Teresa de Brito, da Feiteira; Meninas Maria Antónia Teixeira, dos Esteves; Maria Antónia Morgado, da Medronheira; Ilda Teixeira da Palma, da Garcia; Noélia de Campos Barão e Mariana da Palma, de Cachopo; e os Senhores José Faustino, Inácio Guerreiro, José dos Santos Pereira, Manuel Cavaco, de Cachopo, e José Gonçalves, dos Currals; tomaram a iniciativa de fazer, na sua terra, um pedidório a favor do Hospital de Tavira, querendo, desse modo, manifestar o seu muito reconhecimento pelos benefícios e melhoramentos prestados por V. Ex.ª, não só á cidade como a todo o concelho de Tavira, no campo da assistência.

Pede essa Comissão muitas desculpas por ter feito esse pedidório sem o prévio conhecimento de V. Ex.ª; mas, havia nele o desejo de fazer surpresa e de mostrar que o povo de Cachopo, embora viva distante e esteja atravessando um dos anos mais miseráveis da sua vida, sabe compreender, apesar de tudo, que outros indivíduos há, bem mais necessitados do que ele, como sejam os pobreznhos que V. Ex.ª protege no vosso Hospital e na Misericórdia de Tavira.

Para quem conhece a serra de Cachopo e as distâncias a que ficam os montes, bem poderá avaliar as dificuldades para a recolha de tais donativos.

Mas creia V. Ex.ª que, tanto aos que pediram como aos que deram, a todos presidiu a vontade de auxiliar *crístamente* a vossa já grande obra de assistência no concelho de Tavira.

Faço um voto: Para que V. Ex.ª bem como os restantes elementos da Mesa do Hospital de Tavira, continuem a servir o concelho nesse campo de assistência, o mais alto, o mais nobre, o mais santo.»

O resultado do pedidório foi o seguinte:

Em trigo	145 quilos
Em cevada	15 quilos
Em milho	4,5 quilos
Em grão	21 litros
Em feijão	5 litros
Em cebolas	1 quilo
Em batatas	5 quilos
Em dinheiro	1.182\$50

C.

PELA CIDADE

Hospital da Misericórdia — No Serviço de Cirurgia Geral, no dia 17 do corrente, foram feitas 3 operações sendo:

Uma Gastrectomia, uma cura operatória de Hernia Inguinal e uma Apêndicectomia.

Farmácia de Serviço — Encontrase de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aboim.

Ainda o Elixir da Vida

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

E vamos ao caso:

Os alquimistas procuravam a pedra filosofal, isto é, um pó que transformasse em ouro o mercúrio e o chumbo em fusão. Esse pó seria, ao mesmo tempo, uma espécie de elixir de longa vida, porque constituiria um depurativo enérgico para o sangue; actuaria, também, sobre as plantas, fazendo-as crescer, frutificar e amadurecer em algumas horas. Em conclusão: todas as virtudes da pedra filosofal se resumem em uma só: aumento da actividade vital. Era a verdadeira panacea universal. Os laboratórios dos alquimistas eram estabelecidos em lugares ocultos, nos mais secretos recônditos dos santuários. Os seus aparelhos tinham formas extravagantes e simbólicas: o cadinho intumescido em forma de ventre feminino, para lembrar a geração do metal de que a mulher, em cujo ventre se opera a gestação, é a imagem.

Os metais eram representados pelos símbolos dos planetas.

A alquimia teve os seus impostores e os seus charlatães, mas a ciência moderna não a banuiu do domínio das pesquisas científicas. Fresny conseguiu fazer nos seus laboratórios rubis e outras pedras preciosas. A transmutação dos metais não é, talvez, um quimera. Quando a análise conseguir isolar os corpos simples, isómeros, o problema estará perto da resolução. A pedra filosofal não é, pois, impossível.

E aqui vai outra fórmula dum elixir de que se serviam os filósofos hermetistas para as pessoas se tornarem imortais, ou amadas: os cabelos, o crânio, o cérebro, a bilis, o sangue, o leite, o ovo, a urina, o nácar e os cornos. Como tudo isto liga bem!... E como esta mistura era preparada, secundum artem, não dizem os autores de que me socorro.

A respeito da arte de fazer ouro, como o faziam os alquimistas, podia aqui transcrever essa célebre fórmula, mas não o faço, porque não quero concorrer com a minha quota-parte para mais burlas dos vigaristas do nosso país.

E ás damas pretenciosas, que jamais querem perder a sua formosura, podia dar-lhes o meio de serem formosas até aos 80 anos.

Mas isso ficará para outra ocasião, quando tiver vagar e panchorra.

Damião de Vasconcellos

Ensino Particular
O Instituto Lusitano

LISBOA - Benfica - Telef. 58.074

Aos pais que teem filhos a educar, aconselhamos este modelar colégio da Capital, instalado em dois amplos edificios, onde, em sedes separadas, recebe alunos dos dois sexos, em harmonia com a Lei, no pitoresco bairro de Benfica, em pleno campo, com luz e ar a jorros, desenvolvendo-se as crianças sob a acção benéfica destes indispensáveis agentes da Natureza. Peçam o prospecto com condições de admissão.

VACA LEITEIRA

Vende-se, de pura raça.
Tratar com José António de Lima — Conceição de Tavira.

JOGOS FLORAIS

De Monte Gordo • De Armação de Pêra

MOTE

Para ser's minha um segundo,
E nesse instante ser teu,
De bom grado eu dava o Mundo,
Se o Mundo fosse só meu

A. Marques da Silva

1.º PRÊMIO

Meu amor e meu tormento!
Castelã do esquecimento
Meu castigo e meu desejo.
Meu livro de iluminuras!
Trago a minha alma às escuras
No dia em que te não vejo.
Romance de amor sem par
Poema de amor profundo
Daria a vida a cantar
Para ser's minha um segundo

Cresce a minha inquietação!
Imensa perturbação
Enche a minha alma fremente...
E é tão estranha esta aventura
Que vejo a minha loucura
Nos olhos de toda a gente...
Nada mais quero da vida
Minha vida e sonho meu!
Ter-te em meus braços, vencida
E nesse instante ser teu

Nem sinto o rodar das horas.
E chego a pensar que choras
A minha ausência também!
E que o teu corpo divino
Procura num desatino
Matar a sede que tem.
Neste enleivado torpor
Vivo, segundo a segundo...
Por teu amor, meu amor
De bom grado eu dava o Mundo

Mas depois que anoiteceu
E a minha alma arrefeceu
E tudo em mim se apagou
E' que eu entendo a tristesa
Desta infinita incertesa
Em que o amor me lançou.
Eis-me teu escravo, bem vês!
Apenas um gesto teu
E punha o mundo a teus pés
Se o mundo fosse só meu

Dr. Márlo Guerra Roque
(João do Sul)

2.º PRÊMIO

Donde vens, onda que o vento
Te não deixa um só momento
Socegar no mar profundo?
Donde vens, onda rolando,
Teu rosário dedilhando
Para ser's minha um segundo?

Donde vens, onda perdida,
Toda de branco vestida,
Noiva que o noivo perdeu...
Donde vens a murmurar
P'ra num instante te amar
E nesse instante ser teu?

Eu também, onda perdida,
Dou tantas voltas na vida,
Tristonho, meditabundo,
Que por tanto já penar
Se o Mundo pudesse dar
De bom grado eu dava o Mundo...

Dava o Mundo e acabava
Com esta luta que trava
Dentro de mim o meu eu;
—Ou deste Mundo, fazia
Outro com mais harmonia
Se o Mundo fosse só meu?

Raúl de Matos
(Dura lex sed lex)

3.º PRÊMIO

A minha barca de amor
Navega num mar profundo...
Quanto eu daria, Senhor,
Para ser's minha um segundo!

Dava o Sol e dava a Lua,
Punha às escuras o Céu,
P'ra te ouvir dizer: «Sou tua»
E nesse instante ser teu.

Em troca do teu olhar
—Esse olhar onde me afundo—
Dava a Terra, dava o Mar,
De bom grado eu dava o Mundo.

E ao vêr-te minha, diria;
—Que ventura Deus me deu!
Nem mais feliz eu seria
Se o Mundo fosse só meu.

José Mala Leite
(Zete)

MOTE

Toda rubra, afogueada,
Pediste ao sol que parasse;
Acedeu ao teu pedido
Mas parou na tua face.

António Ferro

1.º PRÊMIO

O sol, em febre, no céu
pediu à espuma do mar
que tececesse um lindo véu,
p'ra contigo se casar...
Desde então do sol te crês
linda noiva, tão amada,
que ficas, assim que o vês,
toda rubra, afogueada.

E quando a espuma, contente,
se estendeu na areia fina
e o sol beijou, ternamente,
tua nudês de menina,
tiveste, amor, tanto medo
que o beijo te devorasse,
que lhe fugiste, e, em segredo,
pediste ao sol que parasse...

P'ras ondas do mar fugiste,
toda rubra, afogueada,
e, envolta em 'spuma, nem viste
que eras por ele adorada.
Era, enfim — sentiste-o bem —
o mar o mais atrevido...
mas, bondoso, o mar, também
acedeu ao teu pedido.

O sol desfez-se em ciúme...
Revoltado até mais não
brandiu um punhal de lume
p'ra queimar teu coração...
E num despeito profundo,
para que o mar se scasse,
quiz incendiar o Mundo...
Mas... parou na tua face...

Adriano Baptista
(Zé nada)

2.º PRÊMIO

— Com que então a conversar
Com a minha namorada? ! —
E ambos te vimos ficar
Toda rubra, afogueada.

Olhaste-me acesa em ira
E, como ele não negasse,
Tu, jurando ser mentira,
Pediste ao sol que parasse.

E, por ser teu pretendente,
El-rei sol, o atrevido,
Em prova de amor ardente
Acedeu ao teu pedido.

Sem que eu pudesse detê-lo,
P'ra que mais me arreliasse,
Beijou-te as mãos, o cabelo,
Mas parou na tua face!...

Lídia Serras Pereira
(Ciumento 100%)

3.º PRÊMIO

Passaste junto de mim.
Coraste, porque me viste
E ao ver-te tímida, assim,
Confesso: — não fiquei triste! —
Traíste o teu coração,
Quando, ao passar apodada,
Puseste os olhos no chão,
Toda rubra afogueada!

Coraste, pelo desgosto
De não poder encobrir,
Ao pé de mim, rosto a rosto,
O que te faço sentir.
E como, nesse momento,
Temesses que eu o notasse,
Acudiu-te um pensamento;
— Pediste ao sol que parasse !

Rogaste que se escondesse
— E, meu Deus, com que fervor! —
Apenas p'ra que eu não lesse
Em teus olhos meu amor!
E o sol ouviu! Na verdade,
Por teus rogos compelido,
Cheio de boa vontade,
Acedeu ao teu pedido.

Parou o Sol, é bem certo,
Como querias, assim,
Mesmo ali, logo o mais perto
Que te encontravas de mim!
Mas não soubeste pedir
Ou talvez ele se enganasse,
Porque parou, a seguir,
Mas parou na tua face!

Tenente Luís Gonzaga Reis
(Maré Grande)

MEIRO Lagar de Azeite

Vende-se um Lagar de Azeite.
Para informações, na Praça
Dr. Padinha, 35 — Tavira.

VENDE-SE

Uma PROPRIEDADE no sítio do Brejo, freguesia da Luz, com terra de semear, 15 alqueiros de semente, casas de moradia, ramada, palheiro, com várias árvores de fruto e água.

Tratar com José António Mendonça, Póco do Vale — Luz de Tavira.

"Bota de elástico"

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Adorável mocidade, quanto lucrarias se pudesses ainda usar aquelas botas que causaram as delicias dos teus visavós e te faziam retroceder ao tempo em que te obrigavam a tirar o chapéu aos que te ensinavam a ler e orientavam na vida! Mas hoje, nem sequer tens o auxilio do chapéu que também desapareceu como as botas. Já é infelicidade!...

Lembro-me que havia então, e acima de tudo, o respeito. Sabes o que isso é, interessantíssima mocidade? Não sabes.

E' uma cousa assim parecida com a verdade que, se porventura falta, abre as portas á mentira. Quando não há respeito, convence-te, perde-se logo a vergonha. Já vês que se trata dum caso sério.

Mas voltemos ao chapéu que, no tempo das botas, era de coco, e que foi um precioso colaborador das manifestações em defesa do tal respeito. Tirava-se então o chapéu a uma senhora, ao mestre, ao passar por uma igreja, ou a qualquer pessoa que se recomendava pela sua posição social e idade, nota bem. Na simplicidade desse gesto, havia a expressão clara do seu significado. Pobre dele, desventurado chapéu! Passou á história, o que não é para admirar! Muito sofreu a educação e mais ainda as chapelarias, condenadas a venderem apenas chapéus... de chuval... Estou a ver-te rir de mim, alegre mocidade, quando, sem dívida, deverias rir de ti própria, que só pensas no pontapé na bola e no enfadonho «pá» com que guarneces o teu palavriado quase sempre faminto de bom senso.

Sabes o que exprime o tal «pá»? Não sabes? Nem eu! Afinal de contas, quem paga as favas é o sr. Progresso. Até as meninas, amparadas por ele, fumam ao lado dos pais que as presenteiam com cigarros caros e as levam ás pastelarias, ás horas do chá das cinco, para lhes dar wisk...

Tenho á minha frente, na mesa ande trabalho, dando curso a estas ligeiras impressões, sem qualquer intenção maldosa, antes pelo contrario, uma espirituosa caricatura que reflecte o sentido da época em que vivemos.

Representa um mendigo suplicando esmola á porta duma casa onde bateu. De súbito, a porta abre-se e aparece uma mulher já idosa e, pela expressão, muito condóida, que lhe diz:

— Tome lá, santinho, este pedacinho de pão.

— Tem manteiga? pergunta o pobre deitando um olhar de desprezo ao pão que lhe é oferecido.

No tempo em que os pedintes aceitavam cinco reis de esmola por amor de Deus, que era o das botas de elástico, não morriam nas trapeiras agarrados a notas graúdas do Banco de Portugal, nem emprestavam dinheiro a juros. Morriam no seu posto, em qualquer lado, sem fazerem alarde da sua triste sorte. Deixavam como herança as lágrimas da sua gratidão.

Os pobres de hoje até manteiga querem no pão que se lhe dá de esmola, ás vezes com tanto sacrificio.

Faça-se a comparação.

Por mais que se pregue a virtude dos rescaldos duma vida que passou, ninguém acredita nas palavras a ela consagradas. Não fazem os novos a mais leve ideia do muito que se deve ao tempo das botas de elástico. E tanto assim é que lá está, para justificar a atitude das nossas afirmações, o apodo imerecido lançado á volta de velhas usanças.

A juventude entra num período de civilização, ignorando por completo o que foi o dia de ontem. Daí, talvez, as excentricidades a que estão assistindo aqueles já sem direito de viver, incompatíveis com o retrocesso dos seus ideais. Não é culpa dela, não, é do tempo, do mau tempo que alimenta o desamor pelos bons sentimentos. Influências

talvez das ultimas guerras de que a humanidade ainda está sofrendo os resultados.

Quando olho para os meus sapatos que procuram cumprir rigorosamente o seu dever, resistindo á crueldade das dificuldades e constantes caminhadas, para resolverem a contento o árduo problema da economia, recorro sempre as botas de elástico que usei e das quais gozo, não tenho duvida alguma, o apelido a que não podem fugir os meus cabelos brancos. E digo com os meus botões: Pobres delas! Quem me dera nesse tempo!

A travessa mocidade, na frescura dos verdes anos, canta a vitória das modernas realizações e prepara-se para a renovação do mundo. Está no seu papel. Tudo se transforma em qualquer dos campos das mais ousadas actividades, surpreendendo o que vai de novo pela ciência, pelas artes, pelos costumes e pela moralidade.

Aqui em Lisboa, por exemplo, o aspecto da cidade modifica-se velozmente. Alonga-se a Avenida Almirante Reis, alarga-se a rua da Palma, e deita-se abaixo a do Marquês do Alegrete, sem ofender as tradições da Mouraria e da Capelilha da Senhora da Saúde. De mistura, derrriba-se a Igreja do Socorro e estabelece-se no grandioso espaço deixado pela extinta Praça da Figueira um magnifico parque, destinado ao estacionamento de automóveis.

Compreende-se que não há direito á que figurem nos lindos pavilhões de Martim Moniz, nos quais provisoriamente se instalaram as sapatarias do Marquês do Alegrete, ameaçadas a sumirem-se, as célebres botas de elástico de saudosa memória. Não. Seria um desafio á retrocessão, um protesto desabrido contra a ideia renovadora da fisionomia da cidade, coerente com o espirito moderno, que é apanágio sublime da mocidade portuguesa.

Calem-se, pois, os retrógrados, a velhada insatisfeita, porque desta vez não têm razão. Lisboa alinda-se, asseia-se, enfeitase. Corresponde assim gentilmente ao movimento dos seus inúmeros visitantes. E' lógico.

O «Bota de elástico», alfim, alguma cousa aprendeu nesta transição eloquente para o modernismo da linda capital, tornando-se de acordo com a elegância, com os seus sapatos que requerem piso mais seguro e confortável. De outra maneira, creiam, é que daria então uma formidável e indesculpável «bota», perdoem-me o termo...

Agradecimento

Maria João da Cruz e sua familia vêm por este meio agradecer reconhecidamente ao Ex.^{mo} sr. Dr. Rocha Cassiano, pela forma inteligente e carinhosa com que a tratou durante a sua longa e pertinaz doença.

Pede que Sua Ex.^a lhe perdôe, se acaso estas palavras sinceras lhe vão ferir a sua modéstia, porém, ficaria mal com a sua consciência, se não tivesse este desabafo para com aquele a quem ficou tributária de inesquecíveis favores.

Agacinho Cardoso

TAVIRENSES:

Auxiliai o vosso Hospital

PROPRIEDADE ARRENDA-SE

No sítio da Murteira da freguesia de Moncarapacho, constando de terras de regadio e sequeiro com variado arvoredo. Possui casas de habitação, ramada, etc...

Tratar com proprietários da quinta da Murteira, situada entre a Alfandanga e Livramento, na referida quinta.

CARTAS DE PORTUGAL

(CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA)

traduzir exactamente a impressão que na realidade me causa — o predominante na arquitectura da urbe, onde os especímenes do românico e do gótico e até do manuelino quase não existem, — são, ao menos para mim, as silhuetas do Bom Jesus e do Sameiro quem domina a cidade, num convite mudo, mas aliciente, ao recolhimento e à meditação e é nas sombreadas áreas das matas que envolvem os Santuários e em frente das capelinhas que as povoam, que se compreende e sente o verdadeiro primado espiritual da mui antiga e mui nobre «Bracara Augusta».

Das três cidades — já o disse acima, pelo menos implicitamente — é esta vetusta Guimarães a que mais me encanta. Porquê? Falta-lhe, não há dúvida, o ar claro, solheiro e alegre de Viana, que deveria, acima de tudo, seduzir um algarvio, nado e criado no deslumbramento de luz e cor das nossas terras do sul e não é tão monumental, pelo menos no sentido mais vulgar do termo, como Braga, para mais do que esta cativar um amador de arte; mas... Aqui, certamente, entra na apreciação muito da minha formação espiritual e intelectual, de que o culto das tradições nacionais e o estudo da história pátria foram pilares mestres... mas há nela, nesta secular Guimarães, a despeito do seu evidente progresso e ansia de modernização, um «cunho» antigo, um «sabor» medievo, um «ar» de burgo senhorial da época da cruzada e tantas, tantas e tão belas e sugestivas reminiscências do tempo em que Portugal era apenas o sonho de um nobre cavaleiro, a transmudar-se lentamente em realidade pela sua vontade forte e pelo querer indomável dos seus companheiros de armas, — que o espírito nos fica prêsso, como em nenhuma outra parte, dos embora relativamente poucos monumentos, da paisagem urbana que os envolve, da própria evocação, aqui fatal, dos primórdios da nacionalidade, com todos os seus romances de amor e heroísmo.

Estou a lembrar-me agora, até, da primeira vez que aqui vim, há dez anos, fazendo parte da caravana de uma Volta a Portugal em Bicicleta, cujos serviços de acampamento fui encarregado de dirigir: estou a lembrar-me da emoção que de mim se apoderou quando, então pela primeira vez, pisei o terreiro daquele castelo, de silhueta de mais a mais tão bela, onde verdadeiramente começou a palpar o coração de Portugal, e quando, do alto do adarve, contemplei por entre as ameias os campos em redor e me lembrei de que foram fertilizados pelo primeiro sangue português, ali derramado em defesa de um ideal de pátria, que mal se esboçava ainda pela Europa, mas neste cantinho ibérico se mostrava já de uma firmeza e de uma vitalidade inabaláveis; estou a lembrar-me da comoção que senti, ao defrontar as ruínas dos paços henriquinos, que albergaram os sonhos dos «primeiros varões assinalados», ouviram os projectos justamente ambiciosos do bravo conde portugalense e, tendo sido teatro de amores talvez menos puros, foi ao mesmo tempo palco do esforço heroico de uma condessa ilustre, que soube intrépidamente personificar a ansia de independência do seu povo, afirmando-se rainha contra a prosápia dos seus suzeranos; estou a lembrar-me da unção quase religiosa que experimentei, na linda igreja românica de S. Miguel, em frente da pia baptismal de Afonso Henriques, visionando o pequeno príncipe entre a sua corte e recordando que a água lustral ali lançada sobre a sua cabeça por um bispo guerreiro, havia oito centurias, baptizava também, em verdade, um reino menino, que no dobrar dos séculos viria a ser gigante entre as nações da Terra inteira; estou a lembrar-me de como, vagueando à noite por certas ruas antigas e típicas do velho burgo, algumas hoje já sacrificadas às necessidades urbanísticas da modernização da cidade, me senti transportado à idade média e as vésperas desse primeiro dia português vivido nos campos de S. Mamede e tive a sensação, quase física, de ver esgueirarem-se, cozidos com as paredes, nas sombras das ruas estreitas, os bravos homens de Gonçalo Mendes da Maia e ouvir, a sumirem-se nas esquinas penumbrosas, por entre gargalhadas truanescas de prazer escarvinho, os guizos bufões de Dom Bibas.

E' sobretudo este eufórico encantamento de evocações históricas e monumentos românicos de Guimarães, que Braga, em si, nos não consegue proporcionar. Em face da antiquíssima e majestosa catedral primaz das Espanhas e embora ela nos faça recordar igualmente as lutas pela formação de Portugal, durante as quais foi edificada, e também o facto da metrópole cristã bracarense datar de menos de um século depois do nascimento de Cristo (tem 19 séculos de existência o bispado de Bragal), sentimos incontestavelmente uma forte emoção estética, mas nessa emoção perdona o respeito em vez da admiração, porque o pouco de românico, que as transformações dos séculos XVII e XVIII nela deixaram, não chegam para quebrar a sensação de frio, de reserva, de heroísmo sem dúvida, mas raciocinado, intimo e silencioso, que se evolva do barroco com que o gosto jesuítico nela entaipou a beleza primitiva, ao mesmo tempo que substituiu as velhas construções românicas, góticas e manuelinas da cidade. E o curioso templo maçarabe de S. Frutuoso e a igreja manuelina dos Coimbras, que com a ábside quinhentista da Sé e as capelas românicas de Nossa Senhora da Glória e do arcebispo D. Lourenço, adossadas ambas à catedral, são os únicos especímenes que restam da arte da Baixa Idade Média e da Renascença, não são suficientes para criar, em quem vê mais com o coração de português e tradicionalista do que com o cérebro de estudioso, o calor de uma admiração entusiástica.

E se Braga nos não proporciona esse encanto de evocações e monumentos, Viana ainda menos. Mas esta tem, sobre a velha cidade dos arcebispos, como já disse, a superioridade da sua luz e da sua alegria, o colorido do seu «ambiente» e sobretudo a presença do rio e a proximidade do mar. Viana, aliás com monumentos bem interessantes e alguns mesmo muito belos, é acima de tudo a cidade das «lavradeiras» formosas, dos trajos garbados, que ainda hoje se usam com gosto apurado e donairoso orgulho, apesar de todos os modernismos invasores e deformadores, é a cidade da pirotecnia artística e das festas de Santa Luzia e principalmente a cidade do Lima, que lhe serve de grande cartaz e lhe é quase brazão. Se não tem evocações históricas tão belas como Guimarães — e não lhe faltam no entanto algumas a nobilitá-la —, compartilha, todavia, de certo modo, das tradições poéticas do seu rio formoso e famoso, que influenciou indirectamente, pode dizer-se, todo um período de história da literatura; e isso tem valor e grande para aqueles que, ao amor e orgulho da sua terra, aliam o amor e o orgulho da língua portuguesa e, a despeito de todo o prosaísmo da vida moderna, ainda não concebem a vida sem um pouco, ou um muito, de poesia!

ANTERO NOBRE

A VERDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Destas verdades, que não sofrem contestação séria, resulta necessariamente que á medida que cresce — como direi? — a popularidade internacional do nosso País, cresce igualmente o seu prestígio e a sua cotação no Mundo, o que só não constitui motivo de justificado orgulho patriótico para quem, embora nascido em terra portuguesa, não seja espiritualmente português.

A este propósito vem a talho de foice com magnífica oportunidade divulgar com uma palavra de comentário as afirmações produzidas na sessão de encerramento dos trabalhos da Conferência do Instituto Internacional de Ciências Administrativas pelo presidente deste Organismo o Chanceler da Confederação suíça, Oscar Leingruber.

«As reuniões internacionais — disse ele — têm a vantagem, não só de permitir o estudo de problemas interessando especialistas de todo o Mundo, como de lhes facilitar o exame directo de realidades nacionais, tantas vezes ignoradas ou deturpadas. Não escondia que trouxera para Portugal alguns preconceitos desfavoráveis ao País; e agora, que vira com os seus olhos a verdade das coisas podia atestar em toda a parte quanto valem as realizações portuguesas em matéria política, económica e social. Aprendera muito e dava por bem empregado o tempo que passara entre nós.»

O que fica escrito vale intrinsecamente o que em si próprio contém. Se há quem sustente que a justiça nem se pede nem se agradece, para mim tenho que não deve nunca deixar-se de estimular com um louvor todo o acto que represente culto dos princípios sagrados do Direito.

Até à Suíça chegaram as protervias dos adversários do regime, e como quase sempre sucede, da mentira alguma coisa ficou. Apesar de dever estar couçado contra campanhas políticas, o Chanceler da Confederação Suíça impressionara-se com o que lera ou ouvira acerca da política do Governo da Revolução Nacional.

Como quem não deve não teme, Portugal franqueia as suas portas, que apenas procura fechar a indesejáveis. «Que entre quem vier por bem», e quantos por bem vierem são recebidos como amigos.

A Rússia comunista, dentro das noções estranhas de convívio internacional que põe em prática, entende que pode livremente espalhar os seus agentes por toda parte, descendo a pesada cortina de ferro sobre as suas fronteiras por intermináveis fileiras de espíões que reciprocamente se fiscalizam, presos de invencível medo das masmorras e da morte horrível nos gelos da Sibéria.

A soldo do ódio, da mentira, do embuste e de incontível despeito, Rádio Moscovo esfalfa-se desvairadamente, no propósito de diminuir e deformar a força criadora dum sistema político que tornou possível «o milagre português», e que pela dignificação do trabalho e do trabalhador está a escrever lindas páginas de sa Humanidade.

Política de Verdade, proclamou Salazar!

E' talvez menos espectacular que a da mentira; é mais tardia na floração, mas é sem dúvida mais duradoira e mais proveitosa.

C. C.

VENDE-SE OU ARRENDA-SE

Uma PROPRIEDADE de sequeiro e regadio com casas de moradia e suas dependencias no sitio da Aldeia Nova a umas centenas de metros da Praia de Monte-Gordo.

A venda pode ser em talhões ou no seu todo.

Tratar com Manuel dos Santos Prado — Tavira.

JOPINHAL

Se provar,
há-de gostar.

CASAS

Vende-se um prédio, na Rua Almirante Reis, n.º 94, com entrada pela Rua Roque Féria.

Tratar com António Soares da Fonseca ou João Pedro Maldonado — Tavira.

Ovas de Atum Secas e Moxama

Vende aos quilos

José Joaquim Gonçalves Palmeira, Rua José Pires Padinha, n.º 134 — Tavira.

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longinos, Wattez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

A venda a prestações não tem aumento de preço, quer em relógios, quer em Joias, Ouro ou Prata.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

Empresa de Publicidade Algarve, L.ª

«Tipografia Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

Executa com a máxima perfeição

TODOS OS TRABALHOS TIPOGRÁFICOS

Fábrica de Carimbos

Aceitam-se encomendas para qualquer parte

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Fariinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13